

NIETZSCHE E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO PARADIGMA DA SUBJETIVIDADE HUMANA ENTRE CIVILIZAÇÃO E CULTURA

NIETZSCHE AND THE CONSTRUCTION OF A NEW PARADIGM OF HUMAN SUBJECTIVITY BETWEEN CIVILIZATION AND CULTURE

Vagner Silva*

RESUMO: O trabalho oferecerá uma resposta para o problema da constituição da subjetividade humana no duplo registro tipológico dos homens superiores e inferiores ao mesmo tempo que mostrará como esta subjetividade tipológica é afetada pela cultura e civilização, que para Nietzsche eram distintas e tinham objetivos distintos. Isso será feito a partir da análise do conceito de pulsão (*Treibe*) apresentado por Nietzsche e de uma inversão na lógica interpretativa do conceito de vontade de poder, tomando esta como consequência das pulsões e não o contrário. O percurso do trabalho focará duas figuras fundamentais para a construção da tipologia dos superiores: Goethe e Napoleão. A análise destas figuras oferecerá uma percepção mais vasta da tipologia nietzscheana, mostrando a variação dos tipos e também seus graus. Por fim, se responderá às perguntas: quem é o homem superior de Nietzsche? Quem é o homem da cultura?

PALAVRAS-CHAVE: Subjetividade. Pulsão, Cultura. Civilização.

ABSTRACT: The work will offer an answer for the problem of the constitution of the human subjectivity in the double typologic register of superior and inferior men, at the same time that it will show how this typologic subjectivity is affected by culture and civilization, that were different and had different objectives for Nietzsche. That will be made starting from the analysis of the concept of drive (*Treibe*) presented by Nietzsche and of an inversion in the interpretative logic of the concept of will to power, taking this as a consequence of the drives, and not the opposite. The course of the work will focus two fundamental characters for the construction of the typology of the superiors: Goethe and Napoleon. The analysis of these characters will offer a vaster perception of the nietzscheana typology; showing the variation of the types and also their degrees. Finally will be answered the questions: who is Nietzsche's superior man? Who is the man of the culture?

KEYWORDS: Subjectivity. Drive. Culture. Civilization.

Introdução

É sabido que o jovem Nietzsche afirmou que cultura é unidade de estilos artísticos na vida de um povo. Transferindo esta idéia da primeira fase do pensamento de Nietzsche para

* Doutorando em Filosofia da Educação – UNICAMP. Contato: vagnerdasilva@hotmail.com

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp.347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	------------

sua fase madura, e do campo da cultura para o da constituição pulsional dos indivíduos humanos, mantendo a idéia de unidade, não mais artística, e, sim, agora pulsional, podemos afirmar que o homem superior de Nietzsche (homem culto e cultivado) é aquele no qual há unidade harmônica no(s) arranjo(s) de sua constituição pulsional. Porém, como surge ou como é possível esta harmonia?

Em um fragmento póstumo, Nietzsche afirmou que:

A contraposição das paixões, a duplicidade, triplicidade, multiplicidade das 'almas em um só peito': nada saudável, ruína interior, autodissolução, revelando e ampliando uma divisão interna e um anarquismo -, exceto se por fim uma paixão assumir o controle. Restabelecimento da saúde¹.

Temos neste fragmento uma associação entre unidade pulsional e saúde, elementos constituintes do homem superior, porém o índice da saúde neste fragmento é conseguido não pela harmonia, mas pelo domínio tirano de uma paixão (pulsão) sobre as demais. Mas este domínio castrador de uma pulsão sobre as outras não é o índice daquilo que Nietzsche chamava de cultura, mas sim de civilização. Nietzsche, na esteira da tradição filosófica alemã, também distinguiu civilização de cultura. Cultura representa os períodos de dissolução moral, nos quais a criatividade assume o primeiro plano nas vidas humanas e nas sociedades; e civilização os períodos de castração e dominação do animal homem, dominação de sua constituição pulsional por uma pulsão tirana ou por uma sociedade tirana, ou ainda e mais propriamente as duas coisas. A este respeito o filósofo escreveu que:

Os ápices da cultura e da civilização estão separados entre si: não devemos nos deixar extraviar sobre o abissal antagonismo entre cultura e civilização. Moralmente falando, os grandes momentos da cultura sempre foram tempos de corrupção, e, novamente, as épocas da voluntária e coerciva domaçaõ animal ('civilização') do homem foram tempos de intolerância para as naturezas mais espirituais e ousadas. A civilização quer outra coisa que a cultura quer: talvez algo inverso².

Sendo assim, este homem superior não seria outra coisa senão um homem civilizado? Se o homem superior de Nietzsche for apenas um homem civilizado e domado, quem então seria o homem culto (cultivado)?

¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Fragmentos Finais*. Seleção, tradução e prefácio: Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 132.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Em outro fragmento póstumo Nietzsche afirmou sobre o homem superior:

O domínio sobre as paixões, não seu enfraquecimento ou extermínio! Quanto maior é a força dominadora de nossa vontade, tanto mais liberdade pode ser dada às paixões. O grande homem é grande pelo espaço de liberdade de suas paixões: ele é, porém, forte o suficiente, de modo que faz desses monstros seus animais domésticos³.

A soma dos fragmentos nos conduz, aparentemente, a uma contradição que este artigo tentará solucionar: o homem possui uma constituição subjetiva pulsional, estas pulsões, porém, são individuais, e o seu ser – das pulsões – constitui-se da luta por mais poder (vontade de poder). O homem superior de Nietzsche (homem culto e cultivado) é aquele no qual há harmonia nas pulsões, aquele que pode dar maior liberdade às suas mais terríveis pulsões, sem, no entanto, perder o controle sobre elas. Eis a contradição: se o homem superior exerce controle sobre as pulsões, então elas não são harmônicas, ou seja, há aqui a incompatibilidade entre harmonia e controle. Seria a harmonia pulsional do homem superior uma farsa ou uma *harmonia forjada* sobre o malho do controle pulsional?

Em outros termos: o homem superior é de fato o homem culto e cultivado de Nietzsche? Se a resposta para esta pergunta for sim, então neste homem reina a harmonia pulsional. Se, por outro lado, a resposta for não, então para que este homem não se torne um bárbaro destruidor, perigoso para si e para os outros, é necessário que uma pulsão domine as demais. Todavia não se pode fugir à contradição: ou nele há a harmonia pulsional ou o controle pulsional.

1- A teoria pulsional de Nietzsche.

Para solucionar o problema aqui proposto, a aparente contradição entre homem superior (homem da cultura), harmonia pulsional e controle pulsional, será importante analisar a tipologia de Nietzsche.

² NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A “Grande Política”, fragmentos*. Introdução, seleção e tradução: Oswaldo Giacóia Jr.. Campinas: Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH-UNICAMP, 2002, p.51.

³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A “Grande Política”, fragmentos*. Introdução, seleção e tradução: Oswaldo Giacóia Jr.. Campinas: Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH-UNICAMP, 2002, p.50.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

É sabido que o filósofo alemão utilizou-se de diversos termos aparentemente contraditórios para se referir a tipos diferentes de pessoas. Apesar da diversidade, todos eles se referem a um mesmo *binômio*: homem superior e homem inferior, tendo diversas variações. Porém, estes termos não são, como se pensa, realmente contraditórios; são, sim, partes de um mesmo processo de movimento duplo: ascensão e decadência do humano, tal que este movimento de ascensão e decadência é a resultante da própria vontade de poder, ou seja, resultante da interação pulsional que constitui cada ser humano.

Se Nietzsche foi provavelmente o primeiro pensador a se valer do conceito de pulsão para tratar da constituição da subjetividade humana, isso não facilita a compreensão do conceito de pulsão, que sem dúvida é um dos mais complexos do pensamento de Nietzsche, em especial quando tentamos compreender o conceito de pulsão e sua correlação com a constituição da subjetividade humana a partir da tradicional relação de causa e efeito. Outro caminho que dificulta a compreensão do conceito de pulsão é a sua associação com a vontade de poder.

De fato, os dois conceitos estão profundamente interligados, mas comumente a lógica da sua relação é invertida, tornando as pulsões uma consequência da vontade de poder e não o contrário, ou ainda, achando que a vontade de poder é o *querer* das pulsões, mas as pulsões não querem nada, não possuem volição em direção a coisa alguma. Dizer que as pulsões possuem vontade de poder é inverter a lógica do pensamento nietzschiano: as pulsões apenas lutam e se conflitam umas contra as outras, e apenas assim existem. Para Nietzsche não é concebível que haja pulsões em repouso: não há força que não seja atuante.

Heidegger também tentou a seu modo explorar o conceito de pulsão, tornando as pulsões o ser dos entes, mas para isso falta às pulsões um atributo fundamental para que algo seja um *ser*: igualdade e identidade. As pulsões nunca são iguais a si mesmas, pois suas características são temporárias e definidas apenas na luta com outras pulsões. Seu aniquilamento ou absorção por outra pulsão, ou conjunto de pulsões, muda-as totalmente. Enfim, as pulsões não possuem identidade, pois suas características se alteram cada vez que elas entram em novos conflitos com outras pulsões. Todavia, seria possível pensar a luta como identidade das pulsões, tendo em vista que elas só existem enquanto lutam; mas, dizer que as pulsões só existem enquanto lutam, é, em se tratando de Nietzsche, uma tautologia, pois dizer pulsões significa dizer algo que luta. Então a identidade das pulsões não pode

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

residir nelas mesmas, no fato de existirem, pois se alteram sempre neste processo de existir como algo em luta.

O que, então, são as pulsões? Independente da palavra que Nietzsche tenha usado para significar o conceito de pulsões, este conceito possui um conjunto de idéias que o especifica. Uma destas idéias expressa em um fragmento não publicado oferece uma ótima idéia do que são as pulsões: “Não resta coisa (*Ding*) alguma, apenas quantas dinâmicos, em uma relação de tensão com todos os outros quantas dinâmicos: sua essência está na sua relação com todos os outros quanta, em seu ‘efeito’ sobre eles⁴.

Pensar as pulsões como quantas dinâmicos de energia é a melhor saída para o perigo representado pela interpretação substancialista e pela interpretação classificatória das pulsões, ambas fazendo a teoria das pulsões de Nietzsche redundar em uma ontologia na qual as pulsões ganham a característica de ser. Mas chamar as pulsões de quantas de energia ou quantas dinâmicos de energia não seria apenas mudar o nome das pulsões e repetir o processo pelo qual elas são vistas como ser, ou seja, atribuir-lhes identidade, permanência e igualdade? O risco persiste e é real, mas quando se pensa que estes quantas de energia não existem como seres reais, mas apenas enquanto estão em conflito uns com os outros, e que a partir do momento em que tal conflito cessa, cessa também seu existir, então se foge à possibilidade de ontologização do pensamento de Nietzsche quanto às pulsões. As pulsões sempre devem ser pensadas como conflito ou relação entre pulsões, como ação de umas sobre as outras, nunca apenas como pulsões: para Nietzsche não é concebível uma energia que não seja atuante.

Esta visão das pulsões como quantas de poder é reforçada por Casa Nova quando afirma que:

Em todo acontecimento nos defrontamos com o estabelecimento de uma relação entre elementos perspectivísticos de ordenação da pluralidade de forças em jogo. Cada um destes elementos perspectivísticos encerra em si mesmo uma determinada ascensão sobre esta pluralidade de forças e uma determinada capacidade de resistir aos elementos contrários à sua vigência. O mundo caracteriza-se então por um embate entre princípios de composição e estes princípios não estão senão inseridos em uma relação necessária de poder uns em relação aos outros. De acordo com uma certa formulação recorrente nos cadernos nietzschianos de 1887/88, eles são *quanta* de poder e se instauram em sua identidade própria a partir ‘do efeito que exercem e ao qual resistem’. Porque o mundo é marcado originariamente por uma luta entre *quanta* de poder e porque se mostra em sua dimensão mais primordial

⁴ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. KSA. München: Walter de Gruyter GmbH e Co. KG, Berlin, 1967-77 und 1988, XIII, p. 259 [tradução minha].

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

enquanto uma guerra entre perspectivas detentoras de uma capacidade de domínio, temos a cada instante o despontar de uma conjuntura de poder. Esta conjuntura de poder precisa incessantemente transmutar-se em função de sempre novas composições, visto que a sua instauração não encerra de uma vez por todas a guerra (...)⁵.

Deste modo, vê-se que a teoria pulsional de Nietzsche toma o ser humano como um conjunto caótico de pulsões em constante luta, e que só momentaneamente conseguem arranjos de poder que dão à existência a aparência de permanência. As pulsões são quantas de poder em constante conflito e não são pensáveis fora do conflito: as pulsões só existem enquanto se encontram em luta. Não apenas o corpo humano é fruto destas pulsões, mas tudo que envolve o corpo humano, inclusive a sua personalidade. Nietzsche radicalizou essa idéia quando afirmou que mesmo o sujeito nada mais é do que a conseqüência de toda esta luta constante, apenas uma pelinha de maçã sobre um caos constante.

2- Tipologia nietzscheana

Desta breve análise do conceito de pulsão podemos retornar à tipologia nietzscheana. De que modo a constituição pulsional do ser humano influencia a tipologia de Nietzsche? É bastante simples: os arranjos pulsionais que constituem um ser humano, em seu modo único, a vontade de poder, tornam a vida deste ser humano abundante ou escassa. Em outras palavras: sempre que há conflitos pulsionais no interior de um homem, sempre que esta guerra se estabelece, e um novo arranjo pulsional tenta se impor aos demais, há a possibilidade de que este novo arranjo pulsional adote uma postura mais ou menos conservadora em relação à vida. O homem superior é aquele cujo arranjo pulsional que o constitui busca cada vez mais vida, mais domínio e amplitude, ao passo que o homem inferior é aquele em que o conjunto pulsional dominante busca uma estabilidade, que muitas vezes se torna destruidora de todo o conjunto pulsional.

A crítica de Nietzsche à moral, em especial à moral cristã, revela justamente isso: esta moral favorece o entorpecimento da vida, a negação da vida em favor do além. Neste caso, não se luta por mais vida, por mais poder, não se quer expandir a vida e os seus domínios,

⁵ CASA NOVA, Marco Antônio. “Interpretação enquanto princípio de constituição do mundo”. In: *Cadernos Nietzsche*, vl. 10, pp. 27-47. São Paulo: USP, 2001, 43.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

mas apenas o fim da vida para que se possa viver no além, quando muito, o que se quer é a conservação desta vida no estágio em que se encontra.

A tipologia nietzscheana, muitas vezes mal compreendida e tida como uma espécie de arcaísmo maniqueísta, no pensamento daquele que foi o grande crítico dos dualismos, esta tipologia esconde na verdade uma riqueza filosófica ímpar: os tipos são apenas figuras pálidas de um processo muito mais amplo de constante ascensão e decadência daquilo que o ser humano é, a saber, a ascensão e decadência da força pulsional e dos arranjos pulsionais que definem cada indivíduo.

Muitas vezes se ignora que os tipos de Nietzsche não são fixos, e que há uma grande mobilidade entre eles. A todo o momento tipos fortes se enfraquecem, e, segundo o filósofo, com menor frequência, tipos fracos se fortalecem, sendo este o processo que o filósofo nomeou como decadência e convalescença respectivamente.

Para isto basta lembrar o que Nietzsche afirmou sobre si mesmo no prefácio ao *caso Wagner*:

Tanto quanto Wagner, eu sou um filho desse tempo; quer dizer, um *decadent*: mas eu compreendi isso, e me defendi. O filósofo em mim se defendeu. O que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence* – para isso tive razões. “Bem e Mal” é apenas uma variante desse problema, tendo uma vista treinada para os sinais de declínio, compreende-se também a moral – compreendemos o que se oculta sob os seus mais sagrados nomes e fórmulas de valor: a vida *empobrecida*, a vontade de fim, o grande cansaço. A moral *nega* a vida... Para uma tarefa assim, era-me necessária uma disciplina própria – tomar partido contra tudo doente em mim, incluindo Wagner, incluindo Schopenhauer, incluindo os modernos sentimentos de “humanidade”⁶.

Este não é um caso isolado, embora seja o mais claro, no qual Nietzsche fala sobre este processo conhecido como convalescença, o retorno da força pulsional, o domínio do conjunto pulsional exercido por pulsões fortes e dinâmicas. Também no prólogo de *A Gaia Ciência* o assunto é mencionado, lá Nietzsche se refere ao retorno da saúde como convalescença, e depois caracteriza essa convalescença como a própria gaia ciência, afirmando que o livro:

Não é senão divertimento após demorada privação e impotência, o júbilo da força que retorna, da renascida fé num amanhã e no depois de amanhã, do repentino sentimento e pressentimento de um futuro, de aventuras próximas,

⁶ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O Caso Wagner: um problema para músicos/Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 9-10.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

de mares novamente abertos, de metas novamente admitidas, novamente acreditadas⁷.

Vemos nas palavras de Nietzsche uma descrição detalhada do que significa este processo de convalescença: o retorno da saúde, o retorno da força e o otimismo em que Nietzsche não cansou de afirmar sua crença mais profunda, a despeito de tantos que lhe dizem pessimista.

Se a convalescença é possível, o contrário também é verdadeiro e ainda mais comum: a decadência. Processo inverso no qual as forças pulsionais se enfraquecem, processo no qual a saúde se desfaz e o que se busca não é mais a expansão, porém a manutenção. É a decadência que dá azo ao constante apelo de Nietzsche para que se proteja o forte do fraco, o que, em um primeiro momento, causa estranheza, pois se o forte é realmente forte, por que é necessário defendê-lo do fraco? Para Nietzsche é bastante claro: a economia de vida dos fracos torna-os mais numerosos, e também são mais espertos, capazes de enredar os fortes em seus esquemas, em especial a moral, e também enfraquecê-los.

Sendo as sociedades contemporâneas construídas à imagem e semelhança do arranjo pulsional do homem fraco, é claro que estas sociedades mantêm o apelo à fraqueza, que para Nietzsche se manifesta na moral religiosa, na política democrática e na educação para a utilidade⁸.

3- Goethe e Napoleão: um problema tipológico

Se ascensão e decadência estão ligadas à organização pulsional de um indivíduo, como é possível que indivíduos tão distintos como Goethe e Napoleão pertençam ao mesmo tipo? Se a cultura é o resultado da relação harmônica entre as pulsões, e a civilização é resultado do controle pulsional, como pessoas tão distintas podem ser do mesmo tipo? E, ainda, é possível uma relação harmônica entre as pulsões? Isso não seria já o enfraquecimento pulsional, tendo em vista que o modo único das pulsões é o conflito?

⁷ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001, p. 10-11.

⁸ Utilidade no sentido de utilizável, esta é uma das principais críticas do jovem Nietzsche à educação de seu tempo, e que persistiu até a maturidade do filósofo: a educação tem como preocupação criar homens utilizáveis, seja pela iniciativa privada, seja pelo Estado, o que para Nietzsche sempre foi um desperdício humano.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

A resposta para todas estas perguntas é encontrada na tentativa de Nietzsche em desenvolver um pensamento agonístico: uma filosofia que tivesse no conflito o seu ponto central, e na qual o conflito também seria o regulador das relações humanas (política), das criações humanas (arte/estética) e do próprio ser humano enquanto ser existente (ontologia e metafísica). Tal busca por um princípio agonístico é encontrada já em suas primeiras obras. Em um texto chamado *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, elaborado como um mimo à senhora Cosima Wagner, redigido entre 1870 e 1872, já aparecem os elementos que mais tarde comporiam a teoria pulsional de Nietzsche, em especial, o atrito entre forças distintas como mantenedor da vida. Posteriormente Nietzsche se afastaria da idéia de uma luta pela existência, formulando sua teoria numa direção distinta do darwinismo: o que é vivo não luta para se manter, mas para crescer.

A idéia de Nietzsche de encontrar um princípio agonístico que sustentasse seu pensamento é tão intensa que antes mesmo de formular o par conceitual antagônico, porém complementar, Apolo/Dionísio, o filósofo já analisava a Grécia antiga a partir das tensões internas, e atribuía à boa e à má Éris (deusa da inveja) o desenvolvimento da Grécia, e sentenciava que a vida grega sem a disputa e a tensão sempre descambava em barbárie e violência. O Nietzsche maduro admitia uma “convivência de disputa dinâmica” entre as pulsões, através do que podemos chamar de *guerra pedagógica*, uma relação de conflito e disputa como na antiga Grécia, em que a todo o momento os cidadãos disputavam entre si, mas tal disputa os conservava, e não os destruía. Essa disputa era a válvula de escape para suas tensões, permitindo que, dentro das cidades, a violência bárbara não imperasse, embora estivesse sempre à espreita.

Nesta *guerra pedagógica* os indivíduos encontram-se em diversos níveis, incluindo diversos níveis de derrota e diversos níveis de vitória. Napoleão e Goethe são homens superiores, mas em níveis diferentes, essa possível gradação interna tanto no grande quanto no pequeno aparece em alguns fragmentos póstumos:

Eis o que ensino: o rebanho busca perpetuar um tipo e se defende dos dois lados: contra os que degeneram dele (criminosos etc.) e contra os que o excedem. O rebanho tende à paralisia e à conservação, nele não há nada criativo⁹.

⁹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Vontade de Poder*. Tradução e notas: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 165.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Vemos na citação acima um indício de subdivisão entre os fracos. O rebanho, que é tido como o exemplo dos fracos, teme aqueles que degeneram dele, os criminosos, *v. g.*, o que nos permite pensar que os criminosos são rebanho, mas estão abaixo da média do rebanho, abaixo do próprio homem inferior. Embora em sentido oposto, o mesmo se vê na citação acerca da subdivisão entre os fortes. Diz Nietzsche: “Aqui surge o problema da força e da debilidade: 1. Os fracos arrebatam com isso; 2. Os mais fortes destroem o que não arrebatam; 3. *Os mais fortes de todos* superam os valores de juízo. Tudo isso junto constitui a época trágica”¹⁰.

Atente-se para o fato de que há os fracos, há os fortes e os mais fortes de todos, e que a atitude dos mais fortes é distinta da atitude dos apenas fortes. Enquanto os apenas fortes destroem o que os ameaça, os mais fortes de todos superam aquilo que os ameaça, incorporam o perigo a eles mesmos, expandindo seu campo pessoal de domínio. Esse homem, então, pode dar-se liberdades que outros não poderiam, pois ele é capaz de ser múltiplo sem ser caótico, de ser muitos sem, contudo, perder o domínio sobre si. Por isso, Nietzsche afirmou sobre Goethe:

Um homem altamente formado, que se contém e tem respeito por si mesmo, que pode ousar conceder a si próprio toda a riqueza da alma e da naturalidade (até o burlesco e o caráter de bufão), pois ele é forte o suficiente para isso; o homem da tolerância, não por fraqueza, mas por força, pois sabe usar em seu proveito aquilo pelo qual perecem as naturezas medíocres, o homem mais abrangente, mas não caótico por isso. Seu complemento é Napoleão (...) que também empreende a luta contra o século XVIII¹¹.

Se o tipo Napoleão é visto como um complemento ao tipo Goethe, é de supor-se que um poderia complementar o outro, a luta do outro. Todavia, Napoleão ainda carregava em si, para Nietzsche, muito da necessidade de auto-afirmação e, em alguns momentos, o filósofo dá a entender que o passado plebeu de Napoleão ainda influía sobre ele, o que o levava a carecer de auto-afirmação mais do que Goethe. Por este mesmo motivo Napoleão não conseguiu atingir os patamares a que chegou Goethe, e mais, acabou por decair. Glenn afirma que:

¹⁰ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Vontade de Poder*. Tradução e notas: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008, p. 43. [destaque meu]

¹¹ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Sabedoria para Depois de Amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friechrich. Tradução: Karina Tannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 148-149.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Napoleão foi corrompido, porque ele deixou de acreditar em seu privilégio especial de usar a política para o seu próprio projeto de auto-superação, independentemente do bem comum. À medida que envelhecia, ele perdeu o que Nietzsche considerava a boa consciência que ele [Napoleão – VS] possuía antes e que lhe permitira desdenhar, em sua ação política, as necessidades e desejos das pessoas. Ele sucumbiu ao seu próprio mito, chegando a acreditar que ele era o grande servo da nação francesa. Desta maneira, com a mudança, Napoleão deixou de ser um artista de governo. Em vez disso, ele se tornou apenas mais um ator político, se bem que excepcionalmente talentoso¹².

Napoleão representa um tipo de homem que Nietzsche nomeia de bestas louras: guerreiros portadores de uma incrível força vital e grande capacidade de autodeterminação, porém, à besta loura falta o que abunda em Goethe: a capacidade criadora, capacidade que se define para além da pura negação e destruição. Todavia, mesmo o homem mais superior, como Goethe, ainda está sujeito à decadência. Apenas o além-do-homem, um tipo fora da tipologia, e comumente confundido com o homem superior, parece estar além das possibilidades de decadência. Para isso basta que se lembre da famosa parábola das três metamorfoses, contada por Zaratustra. Lá, o camelo representa o homem inferior, tem suas características: obediência, resignação e sucumbência às leis externas. O leão é a representação do homem superior em sua luta contra a moral que lhe diz “tu deves”. O leão tem todas as características do homem superior: é um guerreiro, tem força vital e exuberância, e é capaz de autodeterminação, quando afirma “eu quero”. Não obstante, o mesmo leão ainda se transforma em uma criança, que não é homem superior ou inferior, mas o próprio além-do-homem, encarnação da pura afirmação, sem negações, e aquele para o qual todas as portas e caminhos da vida ainda encontram-se abertos, a mais pura e total abertura ao devir.

Grosso modo, então, temos dois patamares alcançáveis na hierarquia nietzscheana: o homem superior e o homem inferior, porém entre eles há diversos degraus, incluindo subdegraus dentro de cada nível. O homem culto e cultivado é aquele que está neste último degrau, e a besta loura lhe é inferior, embora ambos sejam tipos superiores. Esta superioridade do homem culto sobre os demais homens superiores reside na sua capacidade de controlar a si mesmo, mesmo sendo um complexo pulsional em lutas constantes, ele consegue transformar as lutas internas em uma *guerra pedagógica*, fazendo com que todas estas forças trabalhem

¹² GLENN, Paul F. *Nietzsche's Napoleon: The Higher Man as Political Actor*. In: *The Review of Politics*, Vol. 63, No. 1, pp. 129-158. Cambridge (England): Cambridge University Press, 2001, p. 152-153.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

para si. E há, claro, o último degrau, aparentemente inalcançável na literatura nietzscheana, degrau que o próprio Zarathustra não consegue atingir: o além-do-homem.

4- Do complexo pulsional ao Eu

Mas, ao constatarmos o motivo da superioridade do homem culto, nos deparamos com outro problema: quem organiza as pulsões para que da luta de morte e destruição cheguem a esta *guerra pedagógica*? A resposta para esta pergunta é o surgimento do Eu, ou melhor, sua criação pelo conjunto pulsional dominante.

Há sim, no pensamento de Nietzsche, apesar das opiniões em contrário, lugar para um *ego*, embora não seja o mesmo Eu cartesiano, pois este *ego* possível em Nietzsche é uma configuração momentânea das pulsões, sujeita a constantes mudanças. Há, pois, na teoria de Nietzsche espaço para se pensar a personalidade e mesmo a formação de um sujeito e seus principais predicados, a razão e a consciência, mas a principal característica deste sujeito é a impermanência. Aquilo em que este *ego* possível está radicado, o corpo, este sim é detentor de permanência, mas apenas uma permanência aparente, uma permanência constatada em sua superfície, porque em sua conformação ele se renova sempre em decorrência do conflito pulsional. O corpo, então, ocupa, na teoria da subjetividade de Nietzsche, um local privilegiado: ele é o hospedeiro da consciência e da grande razão humana, sendo que a consciência não é a organizadora do caos pulsional, mas apenas mais um de seus muitos subprodutos, ou seja, a consciência nada mais é do que a imposição de uma pulsão ou conjunto de pulsões sobre os demais. Vejamos agora como Nietzsche trata aquele que é um dos principais atributos do Eu, a consciência.

Na segunda dissertação da *Genealogia da moral* (§ 16), Nietzsche apresentou sua intrigante teoria de que a consciência humana teria nascido no convívio social, por meio da espiritualização da crueldade: a partir do momento em que o homem não podia mais manifestar externamente esta crueldade, ela passou a manifestar-se internamente. O homem, até então, era uma besta incontrolável sobre a qual reinavam concomitantemente todas as pulsões. Com a espiritualização da crueldade, determinado grupo pulsional se voltou sobre os demais, dominou-os, subjugou-os e assimilou-os. Quando estas pulsões adquiriram características organizadoras, racionais e pacíficas, no confronto com as demais, subjugando-

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

as, elas criaram um mecanismo de comunicação rápida com os outros elementos da mesma espécie, como forma de se protegerem dos perigos externos e também dos perigos que alguns membros da comunidade poderiam significar. Criaram também uma importante barreira de auto-proteção, a consciência, que é, sem dúvida, uma barreira de proteção das pulsões dominantes. Nietzsche afirmou que:

(...) a consciência é o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte. Do estado consciente vêm inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário (...) Não fosse tão mais forte o conservador vínculo dos instintos, não servisse no conjunto como regulador, a humanidade pereceria por seus juízos equivocados e seu fantasiar de olhos abertos, por sua credulidade e improfundidade, em suma, por sua consciência; ou melhor: sem aquele, há muito ela já teria desaparecido!¹³.

Nietzsche parece contradizer-se: como é possível que a consciência seja tão fraca e perigosa para a espécie e, ao mesmo tempo, fundamental para sua manutenção? Não há contradição, e ela é de fato isso tudo. A contradição só aparece se se ignora que a consciência é como um espelho que reflete algo, mas que esconde muito; ela não é a governadora humana, mas apenas uma aparência imposta pelas pulsões dominantes: por trás da consciência, estas continuam agindo e dominando. De todo o pensamento humano, apenas emergem à consciência aqueles mais superficiais e simples, que podem ser rapidamente cambiáveis e igualáveis a outros em outros indivíduos.

O Eu não é o centro dos pensamentos, da vontade ou dos sentimentos. Ele é apenas uma peneira na qual muitas vontades diferentes entram, mas apenas algumas saem e manifestam-se na realidade. Ele, o Eu, acha que tudo isso lhe pertence, que a vontade lhe pertence, que os sentimentos lhe pertencem; porém ele apenas obedece às ordens que lhe são dadas pelo *si*¹⁴, o *si* ordena que ele sinta dor e ele sente, o *si* ordena que ele se alegre e ele se alegra. Deste modo, os pensamentos que chegam ao Eu e à consciência do Eu nada mais são do que aquilo que o *si* deixa que chegue até ele.

É sabido que o *si*, como afirma Zaratustra, não diz eu, mas faz o Eu; mas este Eu não lhe é dispensável. Seria errôneo imaginar que o filósofo alemão desprezasse o Eu e o achasse desnecessário. O Eu é fundamental para a manutenção da organização pulsional; sem ele,

¹³ NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001, p. 62.

como auto-imagem deste caos constante, as pulsões viveriam uma guerra de morte umas contra as outras. Se nunca nenhuma das pulsões ou grupo de pulsões viesse ao comando e estabelecesse uma hierarquia, então este caos pulsional significaria a ruína do *si* e, conseqüentemente, do corpo e da vida. É necessário, novamente, entender que, por mais que a vontade de poder seja o modo de vida das pulsões, é possível e até necessário que haja alguma ordem entre elas.

Deste modo a manutenção do *si* exige a criação do Eu, exigindo inclusive que este Eu pense que é o criador do *si*. Para o filósofo, a existência é uma criação constante de aparências. Giacóia afirma que:

A consciência é, então, apenas a “classe dirigente”, a função psíquica superior, de regência do conjunto, de governo da “coletividade”. Ela se *identifica* com os sucessos da comunidade, que ela *representa*, com os êxitos de que ela é co-partícipe, apoiando-se e equilibrando-se sobre um prodígio de força e “racionalidade” que ela não apenas não domina como, em grande medida, desconhece. E Nietzsche chega a admitir que este desconhecimento possa pertencer às condições sob as quais pode haver direção, governo e, com eles, êxitos da “comunidade”¹⁵.

Este Eu, que Zarathustra afirma que foi feito para pensar, é também fundamental para o pensar, pois pensar é aplicar regularidade, mesmo imaginária e fugidia, ao caos do mundo externo. A vontade de poder é esta impressão das especificidades das pulsões dirigentes no mundo, que para Nietzsche é outro amontoado caótico de pulsões, e nisto o Eu é inigualável, pois sua fundação calcada na lógica é um esforço de subsunção rápida, de condução da semelhança à igualdade, de regulamentação e constante forjar identidades e igualdades sem o que haveria apenas uma diferença radical e irreduzível à igualdade, bem como à semelhança sem os esforços do Eu. Dito mais uma vez: o Eu não é dispensável. Porém, a sabedoria deste Eu não é nada se comparada a do *si*. O corpo é muito mais sábio que o Eu, que se supõe comandante do corpo. Esta é uma experiência acessível a qualquer pessoa: a real incapacidade do Eu de comandar o corpo em momentos específicos. O controle do medo em situações de perigo, o controle da fome ou do desejo sexual, o controle da dor, todas estas são experiências contraditórias e intensas, nas quais o Eu assiste, assustado, à sua incapacidade de comandar o

¹⁴ Nietzsche chama de *si* (Selbst) o resultado da interação complexa entre o corpo e as pulsões que lhe formam.

¹⁵ JUNIOR, Oswaldo Giacóia. *Nietzsche como Psicólogo*. São Leopoldo (RS): Editora Unisinos: 2001, p. 72.

corpo, porém o *si* assumindo o controle do conjunto busca preservar a todos, incluindo o seu próprio Eu.

A sabedoria do corpo é, portanto, ampla e rica em travesamentos, fugas, recuos, avanços e tudo o mais que é necessário à sua expansão e ao seu aumento de forças, enfim, tudo que é necessário para que este *si* lance suas vontades e perspectivas de mundo sobre tudo aquilo de que pode se assenhorear. As operações do eu são apenas uma das muitas formas pelas quais o *si* busca aumentar seu domínio e poder por meio do que é o modo único deste caos pulsional: a vontade de poder.

Considerações finais

Do Eu à harmonia pulsional: o caminho da angústia do homem cultivado.

Aqui chegamos a um problema final: já sabemos que não há contradição entre cultura como unidade harmônica e homem da cultura como tipo superior no qual há unidade pulsional, assim como sabemos que é possível haver subtipos dentro de um mesmo tipo, como é o caso de Napoleão e Goethe, ambos, homens superiores, mas o primeiro inferior ao segundo. Se o que difere os dois tipos é, em última instância, o descontrole pulsional, gerador da angústia, nos perguntamos: o homem mais superior de todos, o tipo *goetheano*, está livre da angústia?

Há para Nietzsche dois tipos de angústia: a angústia que não é um tormento da consciência, mas sim o resultado do conflito pulsional em um indivíduo e que afeta todos os tipos, mesmo os superiores; e há outro tipo de angústia, a angústia do mais superior de todos os homens, em que a angústia tem outra origem, ou seja, ela é uma angústia da consciência. Neste homem *extra-superior* a consciência aprendeu a chamar o “querer se manifestar” das outras pulsões como uma angústia sua. Este é o processo indispensável através do qual um grupo pulsional torna-se senhor de todo o conjunto pulsional, e o poderíamos pensar como processo de quatro etapas: 1º) determinado conjunto pulsional assume, temporariamente, o conjunto sobre o todo; 2º) este conjunto pulsional dominante cria o Eu, auto-imagem de sua vontade de poder e ao mesmo tempo índice de auto-proteção e unidade; 3º) o eu cria a consciência, mecanismo de comunicação rápida com outros *Eus*, e, ao mesmo tempo, instância reguladora da relação interna das pulsões; 4º) o Eu estende seu domínio de modo

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

intenso e total sobre o todo o conjunto pulsional assenhoreando-se de sua vontade de poder como sintoma de consciência seu; a consciência torna o “querer manifestar-se” das outras pulsões em angústia sua, negando às pulsões dominadas a possibilidade de existir, pois tornam-se função sua, fortalecendo o Eu com a idéia de unicidade.

Isso claro, só pode ocorrer no homem já tornado sujeito. Napoleão representa a primeira fase dessa criação da consciência, ele ainda é o homem em quem um grupo de pulsões luta por controlar as outras, por mostrar que há duplicidade, ele é o homem que não sente e vivencia a angústia verdadeira, mas apenas a pressão interna causada pela guerra pulsional, pois a consciência, que torna o “querer-manifestar-se” das outras pulsões em angústia sua, ainda não está acabada. Goethe é o homem da angústia, nele o “querer-manifestar-se” das outras pulsões já é sentido como angústia da consciência do conjunto pulsional dominante. Goethe neste aspecto aproxima-se do homem grego, que vivia esta angústia, mas que era capaz de descarregá-la não na consciência de culpa, mas na tragédia e na suportaçã o e adoraçã o de uma vida que não se propõe ser de outra maneira, mas que se aceita como trágica e sem sentido e exalta a si mesma na tragédia.

Note-se que consciência não é consciência de culpa, que é a armadilha com a qual os tipos inferiores (não os tipos superiores de segunda ordem) tentam fazer decair o homem superior: a consciência de culpa é o retorno à desagregaçã o do Eu e da consciência, é ela que insufla no interior do homem superior uma nova rebelião pulsional, rebelião que ameaça o conjunto dominante, isto é, seu Eu e sua consciência. Se as pulsões rebeldes conseguem, através de jogos sociais internos e externos, fazer com que da angústia brote a culpa, tem-se início a decadência.

Referências

- CASA NOVA, Marco Antônio. “Interpretaçã o enquanto princípio de constituiçã o do mundo”. In: *Cadernos Nietzsche*, vl. 10, pp. 27-47. São Paulo: USP, 2001.
- GLENN, Paul F. “Nietzsche’s Napoleon: The Higher Man as Political Actor”. In: *The Review of Politics*, Vol. 63, No. 1, pp. 129-158. Cambridge (England): Cambridge University Press, 2001.
- JUNIOR, Oswaldo Giacóia. *Nietzsche como Psicólogo*. São Leopoldo (RGS): Editora Unisinos: 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A Vontade de Poder*. Traduçã o e notas: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------

Nietzsche e a construção de um novo paradigma da subjetividade humana entre
civilização e cultura

- _____. *Sabedoria para Depois de Amanhã*. Seleção dos fragmentos póstumos por Heinz Friecrich. Tradução: Karina Tannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *A “Grande Política”, fragmentos*. Introdução, seleção e tradução: Oswaldo Giacóia Jr.. Campinas: Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH-UNICAMP, 2002.
- _____. *Fragmentos Finais*. Seleção, tradução e prefácio: Flávio R. Kothe. Brasília: Editora universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002b.
- _____. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 2001.
- _____. *O Caso Wagner: um problema para músicos/Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *KSA*. München: Walter de Gruyter GmbH e Co. KG, Berlin, 1967-77 und 1988.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 – Nº 3	Novembro 2009	pp. 347-363
-----------------	-------------------	--------------	------------	------------------	-------------